BOLETIM PERIÓDICO Nº 14. DEZEMBRO 1996

Gralha

A um ano da sua liberdade, entrevistamos Árias Curto p.3

Governo promove caçadores de 14 anos

A nova Lei da Caça permite, entre outras cousas, que adolescentes de 14 anos se dediquem a umha actividade pouco aconselhável como é matar animais silvestres com armas de fogo. p.2

Agressom policial

No passado 12 de Outubro tinha lugar na Corunha umha manifestaçom convocada pola AMI. A poucos minutos do começo sucedêrom-se contínuas cargas policiais, ocasionando numerosas contusões. p.2

Morte por um aborto no Covelo

As investigações apontam a um aborto «doméstico», no que tanto a negligência dos médicos que atendêrom a mulher como as pessoas que o levavam a efeito pudérom ser factores determinantes da morte de Mª Isabel V. F. de 36 anos de idade. p.2

Quem é quem na Normativa do ILG.

A nossa equipa de radacçom elaborou um dossier sobre o já conhecido como «Circo Normativo». Com nomes e apelidos poderás saber que fizo e quem foi cada um dos capos da normativa da Junta. p.4,5

«Negu Gorriak»

O Grupo musical basco põe fim com um último disco compacto a sete anos de concertos, política e agitaçom. Contamos com um artigo do seu líder e cantante, Fermin Muguruza, onde explica o porquê. Outro passo na carreira do excelente músico basco. p.7

Alternativa '97

Todas as sondagens dam como muito difícil a renovaçom da actual maioria conservadora no Parlamento, o BNG pode ser a alternativa, mas necessitará dos votos do PSOE. p.2

Banda Desenhada

Incorporamos entre os nossos colaboradores habituais a algumhas gentes das que no seu dia conformarom a melhor B.D. feita no país, os Frente Comixario. Daram muito que falar.

Nobel da Paz para Timor

Claus Dieter Rohl

Ali Alatas, ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, respondia assim em Abril de 1995 a um grupo de manifestantes que em Dresden, Alemanha, exigiam a libertaçom de Xanana Gusmão.

No passado dia 11 de Outubro eram galardoados com o Prémio Nobel da Paz, Carlos Ximenes Belo, bispo de Díli, capital de Timor-Leste, e José Ramos-Horta, actual representante na Europa da causa pola independência da antiga colónia portuguesa, e durante muitos anos a voz de Timor-Leste na ONU. O Comité Nobel de Oslo fazia pública a concessom do prémio com um comunicado: «Em 1975, a Indonésia tomou o controlo de Timor-Leste e começou a oprimir sistematicamente a populaçom. Nos anos que se seguírom, foi estimado que um terço da populaçom de Timor-Leste perdeu a vida, devido à fame, à doença, à guerra e ao terror». Francis Sejersted, Presidente do Comité Nobel, destacava que «o Comité Nobel norueguês deseja estimular o labor para encontrar umha soluçom diplomática ao conflito, baseada no direito do povo à autodeterminaçom». A reacçom de Ramos-Horta, representante directo de Xanana Gusmão, o líder da resistência timorense preso na Indonésia e condenado a 20 anos, salientava: «Xanana deveria ter sido o galardoado». O bispo católico, quem em Fevereiro de 89 pedira à ONU um referendo para devolver a independência a Timor-Leste, tem-se significado pola sua condena às brutais agressões e a guerra psicológica que os invasores aplicárom para destruir a identidade cultural deste país.

Mais de 200000 mortos em 20 anos nom reclamárom a atençom do mundo, mas esta distinçom, acompanhada do oferecimento do Governo norueguês para mediar numhas futuras conversações de paz, colocam em possíveis vias de soluçom um conflito que parecia estagnado desde Dezembro de 1975, altura da invasom indonésia, um dia após a visita a Jacarta do Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. No fundo do conflito, os apoios internacionais da ditadura militar indonésia derivam do facto de nas proximidades da ilha existir umha importante jazida petrolífera. Aos governos de Ocidente, espanhol incluído, quem vende aviões militares à Indonésia, pouco lhes pode importar o genocídio que se está a cometer com o povo maubere, um dos maiores desde a Segunda Guerra Mundial, como tem sido repetidas vezes denunciado por vozes tam autorizadas como a de Noam Chomsky. Por isso, este Prémio Nobel da Paz, nom constitui mais que um passo, embora gigantesco, na consecuçom do respeito polos direitos humanos e a independência do país formado polo povo maubere. Porém, a luita continua.

Na Galiza: «GZ»

Para breve sairám à rua as novas matrículas europeias, nas que apenas figuram identificados os Estados pertencentes à UE: B (Bélgica), GB (Gram Bretanha), etc. Galiza, que nom é membro de pleno direito embora si se veja directamente afectada polas suas decissões, verá-se obrigada a levar nos seus carros o E de Espanha. Devido às pressões políticas de bascos e catalães no sentido de nas matrículas das suas viaturas virem a figurar identificados estes países, o Estado Espanhol veu adiando a decissom de implantar o sistema de matriculaçom europeu. Entretanto, para o Bloco Nacionalista Galego (BNG) há outras prioridades, o problema nom parece existir.

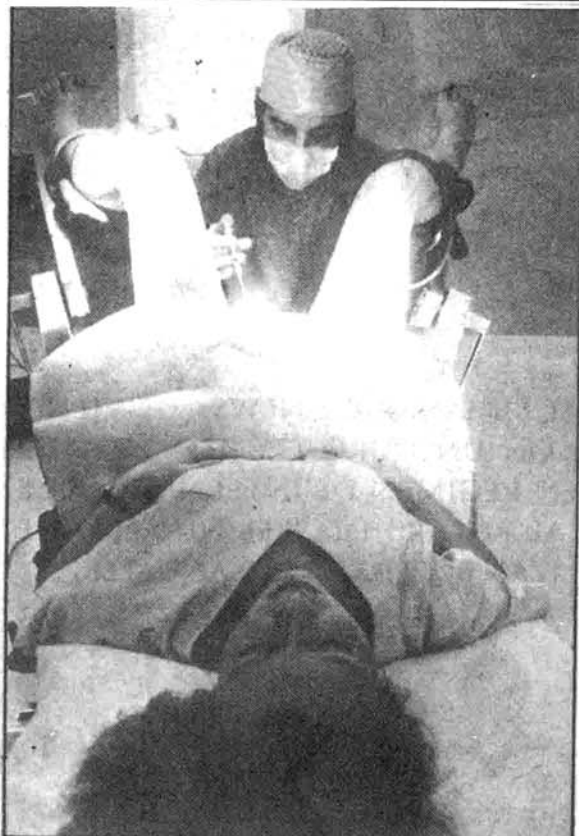
A identificaçom do nosso país, poderá ser feita de duas maneiras: quer nas próprias placas da matrícula, cousa que a legalidade espanhola nunca permitirá, quer com um autocolante oval como o utilizado em qualquer outro estado.

De um tempo a esta parte veu-se popularizando um adesivo com a letra G sobre um fundo com umha banda azul. Devemos prescindir da banda que lhe dá um aspecto folclorizante ou regional e fazermo-lo sobre fundo branco como em qualquer outro país: SF (Finlândia), EH (País Basco), etc. Por outra parte, os códigos empregados nestes autocolantes seguem umha convençom internacional adoptada na sequência dos Tratados Multilaterais aprovados polas Nações Unidas, o último deles vigorante desde 1 de Janeiro de 91. Nesta convençom nengum país utiliza a letra G em exclusivo, quiçá para evitar a confussom com outra letra como o C. Assim: GR (Grécia), GUY (Guiana), GH (Gana), GBZ (Gibraltar), etc. Estes códigos identificam inequivocamente cada país, polo que para o nosso devemos procurar um distintivo privativo e único. Portanto, dado o nome da nossa naçom ser Galiza e nom qualquer outra forma deturpada, é polo que aqui reclamamos: GZ da Galiza.

Insubmisso condenado

No passado 2 de Outubro Jesus Peres Bieites, professor de liceu, era processado no Julgado do Penal nº 1 da Ponte Vedra por se negar a realizar a prestaçom social subsitutória (PSS) ao serviço militar. Durante o juízo o arguido reiterou o manifestado na fase de instruçom, quando declarava a sua rejeiçom à PSS por entender-se, devido à sua condiçom de galego-português, «nom obrigado a servir os interesses colonialistas do Estado Espanhol, nem a prestar serviço a nenhum estado que destrua a etnia à que pertence». Noutro momento da sua declaraçom, o insubmisso assegurou que «o Estado Espanhol está a destruir o nosso território, o nosso direito de autodeterminaçom e a nossa língua». O juiz interrogava-o sobre se preferia ser julgado polo novo ou o antigo Código Penal, ao que Peres Bieites respondia que, de sê-lo polo novo, devido à sua condiçom de ensinante, a sua carreira estaria terminada. Dous anos, quatro meses e um dia foi a pena imposta, embora a sentença recolha a solicitude ao Governo espanhol para reduçom parcial da pena a um ano de prisom.

Fernando Gomes: Galiza e Portugal nom precisam de intermediários

O Presidente da Câmara Municipal do Porto e Vice-Presidente do Eixo Atlântico, Fernando Gomes, afirmou no acto de encerramento do Congresso deste organismo que «boa prova de que Galiza e Portugal estám perto, nem só no físico, é que ninguém no Congresso necessitou de intérpretes». «Nom precisamos de intermediários», fôrom as suas palavras.

A universalizaçom da sanidade pública, ainda nom e realidade.

Aborto no Covelo resulta em morte

A juiz de Ponte-Areas decretou o segredo do sumário para a morte de umha mulher que se desangrou por abortar na sua casa do Covelo. As investigações apontam a umha negligência, tanto dos médicos que a atendérom como das pessoas que levárom a efeito a operaçom e fôrom a causa do falecimento de Mª Isabel de 36 anos de idade e mãe de três filhos.

Três dias teria passado em casa perdendo sangue até morrer sem qualquer ajuda quer de parte da família quer do centro de saúde.

No Covelo ninguém conhecia o da gravidez, e Mª Isabel afirmava tratar-se de umha forte menstruaçom. A juiz já interrogou os familiares tratando de inquirir os motivos para a mulher nom ter sido ingressada, sabendo que tinham um hospital a uns 40 km. Já antes de ser interrogados os familiares, foram-no os médicos e um ATS. A vizinhança afirmou que se tratava de umha família humilde.

Nengum dos implicados se atreveu a falar das verdadeiras razões do caso. A legislaçom actual ainda nom liberaliçou o aborto e esqueceu umha circunstáncia tam comum como a da mulher com poucos recursos que nom pode permitir-se o luxo de ter mais filhos. É evidente que um aborto, umha das mais simples intervenções cirúrgicas, nom pode provocar a morte. Esta produciu-se unicamente como consequência de umha cultura repressiva e obscurantista nos temas da saúde sexual. Parece impossível que, a finais do século XX, acontecimentos como este podam ter lugar, o que evidencia umha total carência de informaçom na populaçom. Os postulados da religiom católica continuam a ter muito peso na sociedade e fam que a sanidade nom ofereça a possibilidade de abortar gratuitamente por decissom própria. Alem disto, o direito à intimidade segue sendo muito difícil no rural.

Governo promove caçadores de 14 anos

A nova lei da Caça, que foi aprovada no Parlamento no dia 5 do mês de Novembro permite, entre outras cousas, que adolescentes de 14 anos se dediquem a umha actividade pouco aconselhável como é matar animais silvestres com armas de fogo. Claro que a lei especifica que «os menores deverám sempre ir acompanhados de um adulto», supomos que menos conscie cializado ainda do que os jovens dos prejuízos que a caça causa no ambiente do nosso país. Cada temporada de caça os nossos montes enchem-se de entre 85.000 e 90.000 caçadores armados com as mais sofisticadas espingardas.

Quando o resto das sociedades ocidentais mais avançadas promovem políticas educativas de carácter pacifista e antiviolento, os nossos governantes pensam que o melhor é pôr nas mãos da nossa mocidade armas de verdade. Num mundo onde a consciência ecologista está a aumentar e até parece estar na moda a defesa do ambiente, a reciclagem e a vida natural, na Galiza cresce o número de caçadores nos últimos anos. Será porque obter a licença para caçar só custa 3.000 pts. noutro alarde de politica juvenil, seguro que os jovens poderám caçar gratuitamente.

Os estragos que esta sanguinária actividade, que se empenham em chamar «desporto», provoca na vida silvestre som só comparáveis com os incêndios causados todos os anos polos que apenas procuram o interesse económico imediato, e nom valorizam as consequências das catástrofes ambientais que produzem.

Agressom policial na Corunha

Às seis da tarde do passado 12 de Outubro tivo lugar no Campo da Lenha da Corunha umha manifestaçom convocada pola AMI (Assembleia da Mocidade Independentista) em contra da celebraçom do Dia da Hispanidade e o colonialismo espanhol.

Gentes de todo o país começárom o acto de protesto com o lema «Espanha, na Galiza sobras» e berros de independência. Quando se dirigiam à delegaçom do Governo espanhol na Corunha, e sem mediar aviso ou advertência, sucediam-se contínuas cargas policiais. Aqui começava o que seria umha perseguiçom polas ruas mais cêntricas da cidade que acabaria diante do Hotel Riazor com a detençom de duas moças, menores de idade, que fôrom golpeadas, ocasionando-se-lhes numerosas contusões, numha tentativa de reprimir pola força a manifestaçom. As duas menores eram conduzidas à esquadra da polícia e, trás negar-se-lhes atençom médica, eram interrogadas e ameaçadas, tratando sem resultado, de que a moça ferida declarasse que o fora a causa dumha queda e nom de umha mocada do polícia que a agrediu. Depois de umhas horas fôrom libertadas, sendo recebidas com abraços por parte dos seus companheiros e companheiras. No centro de saúde ao que acudírom, e segundo o relatório médico elaborado, umha delas tinha umha «fractura na falange proximal do segundo dedo direito, produzida por agressom com objecto contundente».

No dia seguinte a AMI apresentava denúncia por agressões sendo ignorada polos responsáveis judiciais.

A Gralha envia-se gratuitamente a quem o solicitar. Pede-se no Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza

1997, poderá ser o ano da chegada da Bloco ao poder.

Governo galego já!

As águas andam revoltas na Galiza perante as eleições autonómicas programadas ainda para Outubro de 97. Mas esta data pode-se adiantar. Os conflitos sociais crescem cada dia no nosso país e Fraga, em vista da sua decrepitude física e política, é provável que adiante a convocatória. Desta maneira a situaçom eleitoral nom continuaria a se deteriorar para ele. Assim, depois de ter o queijo na sua tábua, quer dizer, os votos para a presidência da Junta assegurados, faria a sua melhor jogada: deixar-lhe o posto a um dos seus barões, que teria tempo de fazer--se forte novamente antes de que se cumprissem os quatro anos de legislatura e um novo confronto eleitoral chegar.

Conseguirám este propósito os do PP? Às últimas sondagens asseguram que nom. E aqui começa a Alternativa 97....

De início, a subida dos nacionalistas do BNG vai ser clara. O seu candidato, Beiras, falou de 25% de votos. Chegue-se ou nom a essa percentagem, o que é claro é que o BNG nom vai «ocupar um espaço marginal», como prognostica o seu contrincante do PSOE, Abel Caballero. Muito pelo contrário, ambos os partidos vam-se ter que entender para governar quando o PP perda a maioria absoluta. A arrogância do tal "cavalheiro" vai-se ter que esquecer e terám que chegar a pactos pós-eleitorais, como já indicou outro histórico do PSOE, González Laxe, há uns dias no semanário ANT. Laxe dixo: «A experiência dumha aliança entre forças socialistas e galeguistas é o que precisa hoje um país como Galiza (...) que já no seu dia foram as que sacaram adiante o Estatuto»; claro que ele enquadra-se dentro do PSOE num lugar totalmente diferente ao de Abel Caballero.

E aqui entra a verdadeira Alternativa 97. Por primeira vez o nacionalismo tem possibilidades certas de governar e efectivar o velho slogan de «Governo galego já». É claro que a sociedade galega está a apostar hoje pola via dum governo de pacto frente ao PP. E aí está o repto para os nacionalistas: deixar que a cousa fique só nisso, num governo mais de coligaçom como tantos que houvo, ou fazer dele algo próprio, umha nova maneira de entender a política, incorporando os galegos e galegas que têm algo que contribuir à marcha e evoluçom deste país. Quiçá seja o momento de que chegue um pouco da verdadeira democracia à Galiza e acabem o favoritismo, a corrupçom e a dilapidaçom dos dinheiros públicos.

editorial

Dous anos e dez meses decorrérom desde aquele Fevereiro de 94 no que voava a primeira Gralha, num princípio de informaçom linguística, e realizada em exclusivo por amadoras e amadores. Posteriormente inseririam-se notícias variadas, abandonando a pouco e pouco o restrito âmbito da língua.

Durante todo este tempo temos recebido centenares de cartas que muito agradecemos, com sugestões, notícias, pedidos, contribuições, etc., e pensamos chegado o momento de darmos mais um saltinho neste caminhar. O ninho fazia-se pequeno e por isso é que queremos terminar o ano com algumha pequena surpresa, a ampliaçom da publicaçom a oito páginas, com novas secções, e mais notícias, entrevistas e reportagens de temática geral.

Mas deve ficar claro que este passo em frente no nosso compromisso nom seria possível sem as nossas empresas anunciantes, sócias e sócios colaboradores, correspondentes, compradoras e compradores, e finalmente todas e todos quantos nos seguem incondicionalmente.

É pois um êxito de todos. De vós, amigas e amigos, seguirá dependendo no futuro esta modesta publicaçom em constante evoluçom, que nom pretende ser outra cousa que umha voz livre, independente, sem nengum género de mediatizaçom. O esforço e o mérito nom é, pois, nosso, mas vosso.

Faltarám-nos os meios mas a ilusom nunca. Toda a confiança e agradecimento da Gralha: MUITO OBRIGADA, e passai umha muito feliz Entrada de Ano.

ENTRE TODAS E TODOS DAREMOS MUITO QUE FALAR.

BOAS FESTAS.

BOLETIM PERIÓDICO

EDITORES: Grupo Meendinho-Renovação
REDACÇOM: Jesus M. C., José M. Outeiro, André Outeiro, Beatriz Árias, Moncho de Fidalgo, Júlio Asser Rodrigues, Sant-Iago Peres, Gabriel Lopes.
COORDENAÇOM: José Manuel Aldea
COLABORADORES: Konstantiño Graphia. **ILUSTRAÇÕES:** Moxom
ENCOMENDAS: Marcos Ferradás
CORRESPONDÊNCIA: Apartado 678 . 32080 Ourense. Galiza. Tel. 988-213437
DEPÓSITO LEGAL: OUR-167/95

A Gralha voa nos primeiros quinze dias de Fevereiro, Maio Julho, Outubro, e Dezembro.
Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.
As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom da Gralha.

Antom Árias Curto

A guerrilha como vida

Galego, 52 anos. Militante do PC com 18 anos, em 1962. Foi condenado pola primeira vez em 1967 por associaçom ilícita. Desde aquela, pisou várias vezes as prisões espanholas, sempre por motivos políticos: a independência e o socialismo, valores que muitos podem considerar fora de tempo. Participou no grupo LAR (Liga Armada Revolucionária) em 1980.
Na Gralha quigemos aproximar-nos à trajectória deste home reconhecido como um dos cérebros do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive (EGPGC).
Foi membro do Comité Central do Partido Comunista Galego e um dos fundadores do Sindicato Obreiro Galego. Posteriormente milita na Uniom do Povo Galego (UPG) em 1976, e no Partido Galego do Proletariado em 1978. Forma também parte da direcçom nacional de Galiza Ceive. Foi tenente de alcaide de Monforte de Lemos em 1977. Actualmente leva um ano em liberdade depois de ter cumprido condenaçom de 8 anos em prisom por reconhecer-se membro do Exército Guerrilheiro.
Da sua trajectória e entrega deduzimos que seguirá dando muito que falar no futuro. Nom pudemos resistir a tentaçom de entrevistar um dos pais do independentismo.

ROSA VEIGA

Antom Árias Curto impressiona pola sua sinceridade e compromisso.

Grande lucidez intelectual. Inteireza. Falar pausado. Autocontrolo. Sabe medir as palavras. Home afável apesar das que leva passado (11 anos de cadeia). Faltam-lhe nove disciplinas para se licenciar em Direito, conta-nos orgulhoso. Actualmente dedicaçom à família e trabalho. Respeita as ideias dos demais; quando nom concorda com o que lhe dizes afirma pausadamente e sem presunçom nengumha: «É umha opiniom». Altera-se um pouco quando lhe citamos a Ferrim: «é um insolidário, sumo sacerdote da sua paróquia ou das suas capelinhas; nom é coerente com as ideias que di defender; poderá-se discordar em tudo, mas algo elementar é a defesa dos Direitos Humanos. É um grande insolidário, repete». Confessa-se membro do Exército Guerrilheiro, EG, como ele lhe chama. Nubla-se-lhe a vista quando lembra acontecimentos passados: «O caso da discoteca Clangor foi umha verdadeira tragédia». Quebra-se-lhe a voz ao falar-nos das companheiras em prisom, Sefa e Xandra. Afirma que «o objectivo do EG era a criaçom de consciência nacional; nom íamos de redentores nem de messias», Antom Árias Curto impressiona pola sua sinceridade e compromisso «Em Ourense guindei-me pola janela para nom fornecer informaçom, nom foi algo espontâneo, mas meditado tempo atrás».

GRALHA. - Como enquadrarias a etapa que tu viveche dentro dos movimentos guerrilheiros da Galiza do século XX?

ANTOM.- Entre a guerrilha antifranquista e a posterior nom houvo conexões nem orgánicas, nem políticas, nem de militância. Quiçá seja um dos muitos erros que cometéramos. O que é claro é que os processos geralmente nunca som espontâneos, sempre som resultantes dumha evoluçom. Pudem coincidir com velhos militantes do PC ou guerrilheiros, mas eu nom era consciente de quem eram. Muitos deles haviam sido amnistiados e as nossas conversas falavam do passado, mas sem umha continuidade.

G.- Quando situarias entom o começo da guerrilha propriamente nacionalista ou independentista?

A.- Inicia-se nos anos 70. Franco nom tinha morto e uns nacionalistas tentam organizar umha frente militar porque nom existia resposta. Entom em 1975 produz-se o assassinato em Ferrol de Moncho Reboiras. Há detenções e gente que tivo de fugir para o exterior, para Portugal, por exemplo. Essas pessoas que estám tentando montar umha organizaçom armada dizem: -Se há um aparelho político que já numha das suas frentes tem um aparelho militar, pois, que caminho nos fica? Entom muitos pedimos o ingresso na UPG, alá em 1975 ou 1976.

G.- A morte de Franco afectou muito este processo?

A.- Nesta etapa da transiçom, a algumha gente já próxima dos 40 anos, ainda nos pareceu que a vida social podia mudar. Mas a ruptura nunca se produziu. Aprova-se a Constituiçom e os nacionalistas apresentamo-nos nas eleições. Nos anos 76 e 77, a muitos de nós parecia-nos que a linguagem da UPG se ajustava ao que pretendíamos. Hoje alguns deles som cargos nacionais e levam muitos anos dentro da UPG e dentro do Bloco. Mas outros, ao passar o tempo, vemos que o discurso nom se corresponde com os factos e excluímo-nos.

G.- Quando e como situaria a actividade propriamente guerrilheira?

A.- Como na «transiçom» nom houvo um processo de terminar com o passado e algo novo surgir, algumha gente pensa que aquilo nom nos leva à autodeterminaçom e surge a Liga Armada Revolucionária. Deitam abaixo alguns dos escritórios das «Autoestradas do Atlântico», fam algumha expropriaçom e pequenas acções que demonstrassem o que se perseguia; mas no dia 1 de Setembro de 1980 som detidos 16.

> *« No Exército Guerrilheiro nom íamos de redentores nem de messias»*

Nesta segunda tentativa já se tinha pagado cadeia, repressom, torturas, mas ainda nascerá umha terceira em 84. Umha gente segue com convicções firmes, outra aparece. No plano político surgem organizações como Galiza Ceive, grupos independentistas e PCLN. Geralmente os guerrilheiros e guerrilheiras nom somos espontâneos. Éramos gente já com 20 ou 30 anos de experiência política. O certo é que esta gente que começa a agrupar-se nom acreditava na legalidade que nos impugera o Estado Espanhol porque para nós nom se tinha produzido a «ruptura democrática». Mediante o que eles entendiam por processo democrático nom nos iam escuitar, porque estávamos sob a sua Constituiçom. E que o opressor lhe dê parte da razom ao oprimido, ou o colonizador ao colonizado, nom tem sentido.

G.- Quais eram as metas políticas?

A.- A independência e o socialismo. O que mais uniu essa gente foi umha meta política: INDEPENDÊNCIA. Num país com a consciência que havia, onde um Estatuto de Autonomia saiu aprovado porque o Estado quijo, porque dada a pouca participaçom e como resultou aquele referendo... nom podia ser esse um resultado rigoroso, mesmo do ponto de vista jurídico. A independência para que tenha corpo deve ser umha maioria social do povo quem seja capaz de conquistá-la. Só que às vezes há pequenos detonantes que podem acordar essa consciência, porque é evidente que existem letargos nacionais e desapariçom de povos.

Entom em 85 aparece outro grupo guerrilheiro. Na Primavera de 86 é desarticulado um comando numha operaçom, mas o Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive nom sairá à luz pública até que no 5 de Fevereiro de 1987 fai estourar umha série de bombas diante de sucursais bancárias galegas e diz: aqui estamos!.

Nós os guerrilheiros acreditávamos, e ainda acreditamos, que para chegarmos a umhas condições normais no caminho da autodeterminaçom nom podíamos jogar com o que eles quigessem. Mas... é que estamos na Europa!!!, Bom, mas onte nem sabíamos que existia Chechénia, Sérvia, Bósnia...

G.- Ficou claro para a sociedade naquela altura que o propósito do EGPGC era a independência?

A.- Ficou, por suposto. Eu estou a falar do movimento guerrilheiro na Galiza, com o seu nascimento, o seu desenvolvimento e a sua vida aqui. Aquela gente que acreditámos naquele caminho ao mesmo tempo pensávamos que o objectivo nom era simplesmente realizar ataques ou acções, mas ajudarmos a desenvolver todo um movimento político e que a consciência orgânica do povo se fosse estendendo.

A primeira queda forte produz-se em 88. Eu, depois de ter estado detido seis ou sete vezes na minha vida, decido atirar-me pola janela na Comisaria de Ourense. Nom foi umha cousa espontânea, mas pré-concebida de meses anteriores. Optei, para nom dar-lhes a informaçom e para nom aceitar a metodologia do seu trabalho, por ir-me à morte. Vim a ocasiom: foi um erro profissional deles, enquanto um ia na procura duns papéis, deixárom-me com outro polícia e, sem saber em que andar estava, algemado, fum-me à morte porque tinha umha informaçom e nom ma iam tirar. Mas a organizaçom continua e existe a convicçom de que para chegarmos à autodeterminaçom nom temos outra soluçom que fazer-nos respeitar e afirmarmos: Nós somos independentistas e luitamos pola independência da Galiza porque vós negaisnos o nosso ser, no idioma e em toda a nossa história.

G.- Como continua a vida do independentismo?

A.- Este movimento, após esse golpe de 1988, segue a trabalhar e a abrir-se à gente. Em 5 anos produzem-se 5 quedas diferentes que levam à prisom umhas 40 pessoas, entre mulheres e homens. Depois das últimas detenções em 1990 há um silêncio da actividade armada. Existem diferenças políticas sérias no movimento e produzem-se rupturas, cisões, traições, etc.

G.-Valoriza a posteriori esta etapa do movimento guerrilheiro?

A.- Esta terceira tentativa desde o franquismo chegou às cotas mais altas do que houvera nunca na Galiza, independentemente de como esteja hoje. Polo menos desde os anos 87 deixámos de ser essa referência histórica tam repetida de que nom fazemos mais que dobrarmos o espinhaço, de que o galego nom é capaz de se organizar como país.

Nom, aqui temos capacidade! Mas som processos totalmente diferentes em cada lugar. Por exemplo, para que existisse umha Frente Sandinista triunfante nos anos 80 houvo experiências quase desconhecidas nessa mesma Nicarágua. Pudérom dizer que isto o montara ETA, mas em todos os sumários, juízos e demais, nom aparecem conexões para nada, porque nom as houvo, nem com ETA, nem com Terra Lliure, nem com o IRA, nem com ninguém. Para que valeu? perguntareis muitos. Bom, as análises históricas sempre é um futuro condicionante o que as determina. Se tudo acabar polo caminho que vamos, seremos um fóssil histórico. Sacarám de vez em quando umha vestimenta, um galeguinho, umha gaitinha e quando forem as eleições botarám-nos umhas palavras em galego e desapareceremos como povo. Com os meios actuais de incidência na sociedade está-se anulando a povos a passos agigantados e, entre eles, um mais será o povo galego.

Se esta foi a última tentativa, isso a história o dirá. O processo tem de ser complexo e em todas as dimensões. Se este povo nom é capaz de produzir organizadores, de organizar-se socialmente, de pouco valerám as presas e os presos. Os povos que querem ser livres, têm de acreditar no que pregoam; e comparando o que lhe está a passar ao nosso povo, ou o que levamos contribuído, com o que têm passado outros, ainda falta muito por fazer.

Por último, Antom, como gosta de ser chamado, sem perder o seu tom amigável diznos: «De todas as maneiras, o caminho da independência é longo».

Vidas obras e milagres

Manuel Fraga Iribarne
(Vilalva, 1922). Actual presidente da Junta da Galiza. Catedrático de Direito. Letrado nas cortes franquistas. Nesta etapa ocupou dous ministérios espanhóis, primeiro o de Informaçom e Turismo e depois o da Governaçom. Depoente da Constituiçom Espanhola em 1978 e Secretário Geral do Instituto de Cultura Hispánica.

Fundou Aliança Popular (posteriormente PP, do que actualmente é presidente regional). Verdadeiro fóssil vivente de político franquista perfeitamente adaptado aos tempos de hoje, capaz de defender em Portugal a unidade da língua enquanto na Galiza persegue os que sustentam o mesmo.

Constantino García González
(Oviedo, 1927) Catedrático emérito de Filologia Românica na Universidade de Compostela. Membro correspondente da Real Academia Espanhola (RAE) e membro da Real Academia Galega (RAG). Criou, com outros, a revista «Verba» e o «Anuario Galego de Filoloxía».

Inventou o Instituto da Língua Galega cujos critérios pregoam o castelhano como teito formal do galego. No 3 de Julho de 1982, os do ILG tomam por assalto a RAG, produzindo a escrita mais espanholizante que se lembra em toda a história da língua. Isto foi possível polo consentimento de García Sabell. É o verdadeiro ideólogo do entramado de prémios, bolsas, postos de trabalho, etc.

Domingo García Sabell
Compostela, 1909. Presidente da RAG. Foi Delegado de Governo Espanhol na Galiza.
Em 1983 recorre a Lei de Normalizaçom Linguística, fazendo assim que o Tribunal Constitucional retire desta o dever de os galegos conhecermos o nosso idioma, ficando como obriga única a aprendizagem do idioma alheio, o castelhano.

O conhecimento do nosso é só um "direito".
No seu poder acham-se os originais das obras de Manuel António, que guarda avaramente. A correspondência deste é, por obra sua, a mais desordenada que se tenha publicado nunca. Sempre em boas relações com o poder: Franco, UCD, PSOE, família real espanhola, etc. Autêntico vice-rei da Galiza.

Xosé Filgueira Valverde
(Ponte Vedra, 1906-1996). Foi presidente do Conselho da Cultura, director emérito do museu ponte-vedrês e membro correspondente da RAE. Como Conselheiro da Cultura, impujo por decreto a normativa isolacionista ILG-RAG (Decreto Filgueira, 1982).

Ramón Lorenzo Vázquez
(Bugalhido-Ames, 1935. Membro da RAG e do Conselho da Cultura.
No ano 1960 constitui-se num dos precursores do reintegracionismo polos seus artigos jornalísticos.
É responsável polos estudos e interpretações das crónicas medievais galego-portuguesas. Tem mantido polémicas com outros investigadores e linguistas polo facto de ter estas crónicas «sequestradas», nom permitindo o seu estudo, bem como por algumhas conclusões aleatórias tiradas delas. No ano 1985 ganhou o 1º prémio Lousada Diegues, cujo júri contava com dous colaboradores seus. Umha delas era Rosario Álvarez, à qual ele premiou como presidente de um júri no ano seguinte.

Antón Santamarina
(Fonsagrada, 1942). Director do ILG e catedrático da Universidade de Compostela. Entre outros postos é secretário da Comissom de Toponímia da Conselheria de Educaçom e Cultura; o qual o converte em responsável polos nomes de vilas e cidades que aparecem no DOG. Outros componentes da citada comissom, têm falado da sua negativa a escrever correctamente topónimos compostos como Uzeira Branca, Casar do Mato, etc., o que contribui à desnormalizaçom do idioma, pola nom identificaçom por parte da populaçom do significado dos mesmos.

Xesús Alonso Montero
Professor na Universidade de Compostela. Conferencista profissional e anti-reintegraciosista obsessivo. Na página 29 do seu famoso: Informe dramático sobre la lengua gallega, Akal, 1973 afirma: «En realidad, el gallego es un idioma plebeyo, rústico y tosco.» Em 1986 integra o júri do Premio Nacional de Literatura espanhol, recaindo este em Alfredo Conde. Em 1989 recebe o Prémio Outeiro Pedraio.

Xosé Luis Méndez Ferrín
Professor de liceu em Vigo. Escritor prolífico. Apesar de proclamar-se independentista, é anti-reintegracionista visceral, que se declarou em repetidas ocasiões, partidário de usar a normativa institucional por «patriotismo». Especialista em criar e torpedear organizações políticas nacionalistas e sindicais.

Carlos Casares
(Ourense, 1941) É director da editora Galaxia e presidente do Conselho da Cultura. Foi deputado independente no Parlamento dentro do grupo do PSOE. Conhecido romancista repetidamente premiado.
Filho predilecto de Ramom Pinheiro, polo que foi promocionado tendo em conta a sua submissom aos seus ditados, quer dizer, à linha culturalista e menos combativa daqueles anos.

Alfredo Conde Cid
(Alhariz, 1945) Foi integrante do Grupo Parlamentário Socialista e Conselheiro da Cultura. Escritor de ficçom, articulista e conferencista.
Actualmente, a sua afeiçom predilecta é ir de liceu em liceu, junto com outros conhecidos nomes, pagos pola Conselharia, promocionando-se.

Pilar Vázquez Cuesta
(Lugo, 1926) Catedrática de português. Primeiro em Madrid, depois em Salamanca e finalmente em Compostela. Autora de umha importante gramática portuguesa e vários estudos sobre literatura.
Segundo testemunhos próximos é o protótipo da pessoa sempre à sombra do poder.

Quem é quem?

Guia para localizá-los

MENDES FERRENHO (o domador)
Funçom importantíssima é a do domador das feras, as que por natureza deveriam viver livres e galego-portuguesas, mas som obrigadas a ficar presas dentro do circo, à ordem de: Galicia nación, autodeterminación, assim, em espanhol puro. Com o chicote em forma de Ñ, letra emblemática do Circo, mantém-nas à raia. Quigemos representá-lo como ele se apresenta perante o mundo, de domador, embora nom passe de mais um leom domado.
COSTANTIÑO GRAPHIA (o ventriloquista, ou o home dos miolos cozidos)
Mão direita do Chefe do Circo em matéria linguística. Tem duas línguas perfeitamente harmonizadas e ora fala com umha ora com a outra. É o que mais cobra, milhares de milhões. Aparece a espremer a galinha dos ovos de ouro.
MANUEL BRAGA (o Rei do Circo)
Dono do Circo, Chefe Supremo diante do que todos dobram a cerviz. No desenho fazendo as funções de apresentador com a coroa do Rei do Circo.
MAMOM LORIENZO (o carregador das bagagens)
Sempre tem de haver alguém a levar as malas ou os aparelhos de um lado para outro. Porta dous exemplares da Crónica General.
HILGUERA VALLEVIERDE (o funâmbulo)
Como todos os da sua ideologia, ao morrer ascendeu aos céus (à direita do pai), onde continua a fazer equilíbrios para manter em vigor o Decreto Hilguera, de espanholizaçom do galego.
«PILHAR» VASQUES COSTA (a mulher barbuda)
Quer andar pola corda bamba, mas nom se atreve a fazê-lo, polo que fica sentada. É a encarregada de introduzir em Portugal a normativa do Circo. Numha destas cai e esnafra-se.
GARCÍA SÁVEL (Chefe da Segurança)
Aqui nom se move ninguém! parece querer dizer no desenho. Com a mão direita toca-lhe numha letra do alfabeto circense ao ventríloquo.
SANTA MARINA MERCANTE (o mágico)
Aparece a tirar um coelho da cartola. Mas este pode-se voltar contra ele.
ALONSO MORTERO (o palhaço)
De olhos arregalados, podemo-lo ver a pensar absorto na próxima conferência enquanto parece repetir para si: «pro panis lucrando, pro panis lucrando».
CARLOS CAGARES (o maquinista do comboio)
Sempre gostou dos caminhos-de-ferro em miniatura. Aparece dando a volta à pista do circo.
EXTRAS:
PORCO VASQUES (lalaralá)
Vemo-lo de palhaço ao pé da mulher barbuda. Espanholista visceral.
ALFREDO ESCONDE (o home balom)
Lançado polo Porco Vasques é um balom que perde ar por momentos.
GHOSÉ MÁRI ASNAR
Por detrás das bancadas e sem parar de ornear supervisiona o circo.

Circo Normativo

A espectacular montagem.

Ursos, palhaços, trapezistas, acrobatas, domadores, feras corrupias, ..., é o mundo do circo, recinto fechado onde se criam ilusões, espectáculo, magia, etc. Em cada circo há um director, que se encarrega de dizer-lhe a cada um onde deve estar, sempre às ordens do empresário, o proprietário do espéctaculo, e a única pessoa a tomar decissões:
-Inventa-me umha palavra para «passeio», da que nom gosto.
E vem um funâmbulo e diz:
-«beira-rua».
-Como podemos chamar ao «orçamento»? pergunta o Director.
E aparece um palhaço com umha bola na que se lê «presuposto».
Dentro do Circo cada um cumpre a sua funçom. Os equilibristas e dançarinos de cordas procuram manter a posiçom vários metros por cima da cabeça do público, desafiando as leis da gravidade. Os malabaristas efectuam habilidades com as palavras, contra a lógica, tratando de demonstrar que o impossível é possível. Comelocaldo, comelocaldo, comelocaldo, repetem sem parar uns papagaios domesticados perante as delirantes risotadas das crianças. O mágico tira da cartola um coelho ao que chama «conexín».
O Chefe da Segurança, home de letras nas horas livres, vela para que a representaçom nom seja interrompida por milhares de espontâneos que nom gostam da funçom, e que som perseguidos polos seus sequazes, a polícia circense, aos berros de «portugueses de mierda, portugueses de mierda» (ver Gralha 13).
A lona, que cobre todo o espectáculo, é vermelha e amarela. O ventriloquista joga com as palavras, inventa, fai e desfai. Tudo vale com tal de nom romper o mundo da ilusom e o negócio criado à volta da representaçom. Pois, ainda que o Circo nom seja rentável, há que mantê-lo, polo que chegam carros de Madrid carregados de moedas de ouro que o empresário distribuirá.
Ao acabar a funçom, os participantes dirigem-se à única saída existente, a porta de atrás, na qual o pagador distribui a «massa» segundo o grau de servilismo de cada um, medido polo ângulo que forma o espinhaço com as pernas ao inclinarem-se diante do empresário, o Rei do Circo, para lhe beijar os pés.
Ostentoso, grandioso, aparatoso, espectaculoso. Vem ao Circo. Circus Normativus. Simplesmente X-petacular.

Fotografia enviada da Ponte Vedra por um dos nossos assinantes, aludindo ao artigo publicado sobre o tema na Gralha 13.

música

Começa o Rock Irmandinho. O grupo **Xenreira** da Estrada acaba de gravar o primeiro disco após um ano de concertos. Desde os seus começos têm definido como «rock irmandinho» o conjunto dos «grupos musicais que reflectem umha preocupaçom social e deixam claro o carácter de grupo nacionalista». Agora o seu primeiro disco conta com a produçom do conhecido Kaki Arkaraço e com a vontade de Marcos, Sebi, Val-Boa, Silvério, Maki, Jurjo e David, eles próprios, de movê-lo em concerto por toda a Galiza e fora dela. Concertos com muita força , onde a música ska oferece um transfundo perfeito às reivindicações que aparecem nas letras: independência, antimilitarismo, etc. Eles dim "Nom tocamos por tocar, para nós as letras som importantíssimas, nelas contamos o que acontece na Galiza, do que nós gostamos e do que nom, problemas sexista e repetitiva. veces a outros lugares do mundo. É destacável também a sua fidelidade à língua: sempre fizérom tudo em galego, foi umha posiçom clara.

Nom se pode dizer a mesma cousa de outros grupos como os **«Herdeiros da Crus»** ou **«Os Rastreros»** de Chantada. Estes, por exemplo no concerto **Castanhaço Rock de Chantada**, empregárom o galego em temas como a "Tractorada" ou outros nos que adaptaram cantigas populares completamente plagadas de linguagem sexista e repetitiva. Ao contínuo berro "saúde, pesetas e leite nas tetas" pretendiam enfervorizar um público mais que incondicional por ser da sua própria vila. Mas noutras cantigas mais "sérias" ou "de autor"usavam o espanhol, e até numha o inglês.

Esta postura foi já várias vezes criticada nestas páginas da Gralha e nom nos cansamos de repetir que já estamos fartos da actitude de muitos grupos que so utilizam o galego para a «caralhada» ou o sexismo mais ridículo e vulgar.

Podemos -lhes dizer que, se o seu disco é assim, nom o compraremos, mentres que sim apoiaremos a grupos que como os Xenreira usam o idioma com normalidade.

cinema

Som muitos os representantes da cultura ianque que têm por costume extrapolar as crenças próprias e formas culturais exportando-as com a mesma tranquilidade e impunidade com a que exportam os hamburgers de carne de cam, tanto a recente **«Independence Day»**, que acaba de estrear-se com grande êxito em todo o mundo, como outras produções semelhantes. Nela apresentam-se-nos uns seres muito inteligentes..., mas terrivelmente feios, imorais, frios, calculadores e com um carácter sangrento que os fai estar sempre dispostos ao uso da violência -incluído o assassínio- para conseguir os seus fins de controlo e expansom. Qualquer psicólogo sabe que este retrato, no fundo, reflecte os temores e os medos que caracterizam o norte-americano médio durante os seus dous séculos de existência como naçom. Mesmo parece irónico que podam pensar na libertaçom da Terra no mesmo dia da Independência ianque, no 4 de Julho. É sabido que os norte-americanos se sentem obrigados a «impor o modo de cultura norte-americano». Queren-se fazer passar, como todos os povos opressores, por salvadores dos seus oprimidos. Quiçá filmes tam imperialistas como os ianques contribuam para que os Galegos apercebam o carácter colonialista da naçom que os submete.

língua

Ogrobe

A comissom de toponímia da Junta escolherá entre as três seguintes opções para rever o nome da vila marinheira; O Grove, Ogrove, ou Ogrobe. Atendendo à petiçom vizinhal que indicava que o actual nome é umha traduçom do espanhol. Nom se trata de escolher mas de admitir a correcta em galego pola sua origem, Ogrobe, procedente do étimo Ocobrix.

Na Argentina

Da Galiza de além-mar chega-nos o nº 1 do boletim ADIGAL, editado pola Associaçom Civil Amigos do Idioma Galego de Buenos Aires, e correspondente aos meses de Agosto e Setembro. Salientamos as notas biográficas do admirado Ricardo Flores Peres, sadense de 93 anos emigrado na Argentina em 1929 e definido como um patriarca do galeguismo, quem já nos anos 30 publicava em galego-português na revista «A Fouce» da Sociedade Nacionalista Pondal. Também pomos em destaque o artigo «Dia dos Mártires Galegos» do próprio Ricardo Flores, bem como «Galícia ou Galiza» assinado por Subiwenos. Quem quiger colaborar com eles ou simplesmente receber o boletim escreva para ADIGAL; Virrey del Pino 2345, 3ºA; 1426 Buenos Aires; Argentina.

Para além do boletim, a citada associaçom galega mantém desde há anos atrás cursos regulares de língua ministrados polos professores Higino Esteves e Antónia Luna, com mais de 200 pessoas inscritas.

Livro Português e Galego ou Galego-Português

No dia 7 de Novembro celebrou-se em Vigo, como acto inaugural da I Feira do Livro Português e Galego, um colóquio em que intervinhérom diversos escritores, editores e livreiros de aquém e além Minho. Com antecedência, o Presidente do Governo Autonómico, Fraga Iribarne, acompanhado polos adidos de cultura e de comércio da embaixada portuguesa em Madrid, proferiu um discurso de abertura em que louvava como símbolo de uniom galego-portuguesa a língua, «nascida de um tronco comum, companheira de berço e caminho nos criativos séculos da Idade Média, daqueles anos em que compartilhávamos escritores e emoções poéticas». No entanto, para algum dos infelizmente poucos escritores participantes no colóquio, as ligações linguísticas actuais entre os dous âmbitos som tam evidentes que, mesmo num foro tam hostil como aquele (inçado de beneficiários do «normativismo junteiro»), se deixou ouvir a sensata sentença de Xavier Alcalá no sentido de ser a distância entre galego e português umha questom técnica, resolvível por meio da volta à primitiva ortografia comum. Até Méndez Ferrín, ferrenho anti-reintegracionista, se mostrou partidário de suprimir as aberrantes traduções entre os dous âmbitos (para ele duas línguas diferentes).

V Congresso Internacional da AGAL

*De 13 a 16 de Novembro tinha lugar em Vigo o **V Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza** organizado pola AGAL junto com a Universidade viguesa. Os seus quatro blocos temáticos permitiram que se trataram os mais diversos temas, sendo ao mesmo tempo um contributo de homenagem ao grande filólogo e Membro de Honra da Agal, Joan Coromines.*

Tanto as conferências como as comunicações foram seguidas com grande interesse por um numeroso público -de umas 250 pessoas- nomeadamente universitário. O elevado nível serviu para acrescentar o já amplo e denso córpus doutrinal com que conta a corrente reintegracionista.

Cumpre salientar que, mais uma vez, se chegou mediante dados muito concretos de uma e outra parte do território portugalaico polo Prof. americano Brian Head e o galego José Luis Rodrigues, à conclusão de que é maior a unidade existente entre o português da Galiza e Norte de Portugal -a antiga Gallaecia- do que entre este e o do Sul, concluindo todos os componentes da mesa: Eugenio Coseriu, L. de Azevedo Filho e Telmo Verdelho, além dos conferencistas, que não se pode cientificamente falar de duas línguas: galego e português, porque, de atendermos às diferenças existentes, seria muito mais fácil falar de várias línguas em Portugal e não teria sentido falar do português do Brasil.

*Foi sumamente interessante o que expus o advogado da Generalitat de Catalunha, J.R. Solé i Durany ao se tratar do etiquetado dos produtos de origem. Actualmente um produto etiquetado em catalão ou basco tem que levar ao lado o texto em castelhano e o mesmo acontece com o chamado «galego normativo» da Junta da Galiza, no entanto os produtos galegos etiquetados em ortografia reintegracionista não precisam de tal requisito por irem escritos numa língua europeia. Assim, na Galiza há marcas de origem que nem sequer vão em galego, como a seguinte: **«Ternera Gallega» producto de calidad(e)**. Se os galegos optarem por **«Vitela Galega, produto de qualidade»** já não é mester o embaraçoso adminículo do castelhano para justificar o seu emprego. Já não há amo e escravo, colonizador e colonizado.*

*O mesmo acontece com outros produtos como, por exemplo, **«Vinho do Ribeiro, denomiçom de origem, produto de qualidade».***

Uma grande parte deste Congresso girou arredor da Norma, iniciado polo Prof. Eugénio Coseriu, seguido por uma Mesa-redonda presidida por Coseriu e na que interviram um português, um brasileiro, um alemão e um galego, continuada na quinta polo catalão Prof. J. Costa da Univ. Pompeu Fabra e professores das três universidades galegas. Outra temática versou sobre sociolinguística com várias comunicações e uma Mesa-redonda, suscitando uma viva discusão. Também foi tratado o tema da literatura nas suas vertentes culta e popular e assim mesmo estudos sobre ou relacionados com a obra de Joan Coromines. Muita importância tiveram elém disso os temas relativos à tradução.

OS MERENDIÑHAS • TIRA-1. ©moxom-96 Paradelo.

janela da língua

Por Konstantiño Graphia

Ho hésito da Kampaña pra fomentar ho huso do jalejo na ke se hamosaban turistas mui ledos de farfullar hen jalejo frases koma "Son hun henfermo de sida hen fase terminal, pro deske falo jalejo son houtro home hi koido ka bida hé fermosa hi kai ke dicir non há droja", fai hakonsellavle hunha sejunda kampaña na mesma liña, hasejun ha Direzion Xeral de Política Linjuistika.

Na ke hestou prepararando ai spots hinda mais himpaktantes ke na hanterior. Nun deles hapareze hun brasileiro ke di: "Chamome Antonio Machin Santamarina hi son de Bahía, ken galego se di Badía. Hainda ke parezo branco son hun nego halbino hi ka lingua bou pintá huns hanxiño galego poque no zeu tame vo kere Deu".

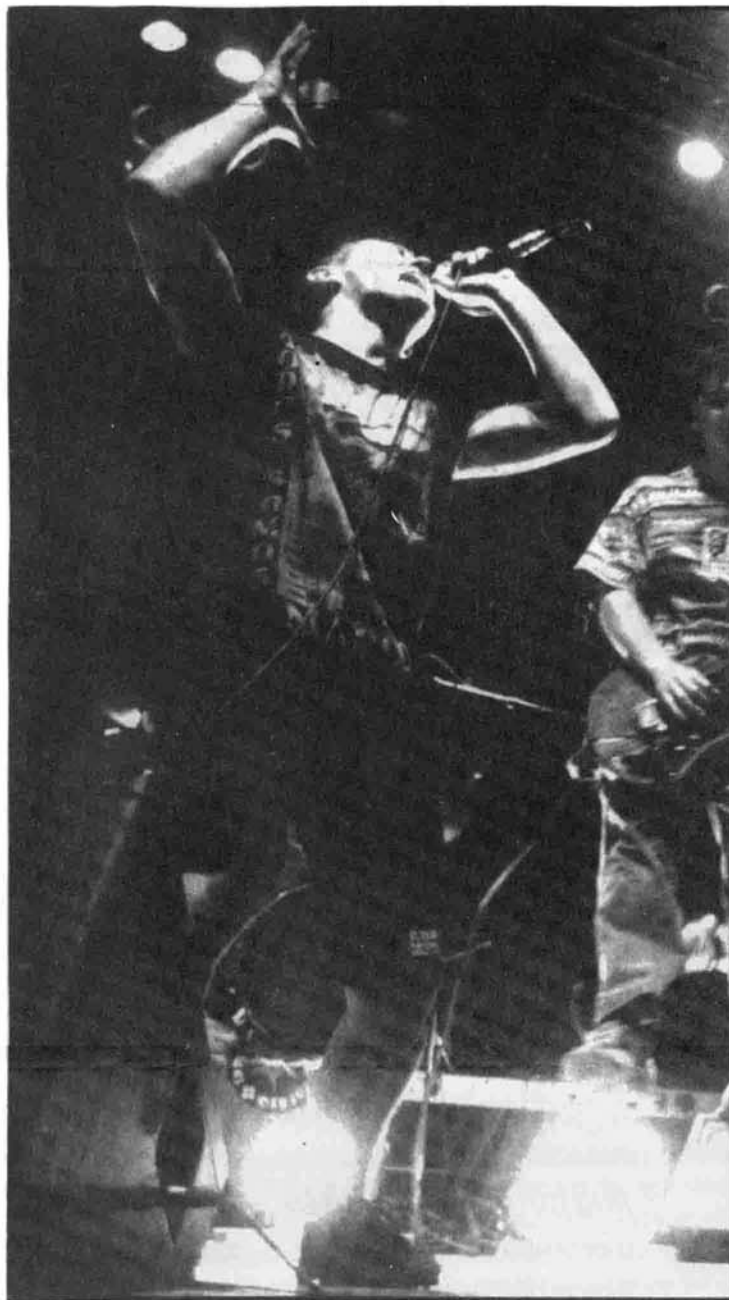
Noutro hinterben hun lusitano ke di: "Chamome Viale Morcilho hi son de Lapania. Deske descuvrin ke se pode heskribir ho portuxés kon grafia española hi recivir hun subsidio, ha bida bolbeu ha ter sentido pra min".

Tamen ai hun no kun kalvete di: "Zom de Grijandemonenjare hi me chamo Candemor. Heu hera hun ome malo, hum torpeido da pradeira pro dezque coñezi ho galergo nor teño pupiña no fistro diodenal". Lojo hapareze hun paiaso ke henjade: "Chamome Tonetti Mascatto. Son de Kolomvia hinda ke nazin hen Palermo. Deske deskuvrin ha linjua jaleja, hestou henjaiolado. Sijo no penal de Bonxe".

Noutro hai dous homes de trazos horientais. Hun di: "Son ho Delegado do Govelno de Mongolia en Galicia. Chamome Sin-do-me de Daun hi haplendo jalejo pla vel Supelmaltes polke ha kultura hé mui himpoltante pla dalle ledicia ao kolpo, Mac Alena, ¡Aauum!". Ho houtro henjade: "Chamome Mamon Loulenzo hi son de Babia. Hos babiosos, hou babiecos, tamem temos hum dialeuto, ho babie, hi koidamos ke hé mui hinpoltante ke se konselbe. Ven hen heskaveche, ven hen zolza".

Hestou konvenzido de kesta kampaña hinda terá mais hésito ka hanterior. Na prósima, hinkluiremos ha Copito de Nieve, há Mona Lisa e hó Mono Linjue.

palestra pública

Por Fermin Muguruza de Negu Gorriak

O projecto que criamos no seu início como trio, logo se converteu em quinteto e em breve no motor dum colectivo aberto e multidisciplinar, onde tentávamos conjugar com a maior coerência possível a música, a palavra e o compromisso com a realidade. A independência de Negu Gorriak exigia-nos que utilizássemos a autogestom como único modo de funcionamento para o qual era preciso que nos dotássemos de infraestruturas para fortalecermos a nossa capacidade de decissom. O que começou como consequência dumhas ardentes proclamas do estilo "voltemos à acçom", "construamos o nosso futuro", com o tempo enraizou e fortaleceu.

A discográfica Esan Ozenki acaba de fazer o seu quinto aniversário, tendo produzido 23 grupos. As brigadas NG, que se formárom para realizar acções imaginativas de agitaçom e propaganda, auto-organizárom-se e estruturárom-se, confirmando a sua operatividade na denúncia da injustiça. Junto aos esforços por reactivar todos os campos artísticos, despregárom-se os pontos de encontro arredor do grupo, em que se dérom cita o teatro, a imagem , o vídeo, o cinema, a poesia, a banda desenhada, etc. Também avivamos junto a outros companheiros o que demos em chamar a "internacional do rock", em que os que ajudamos a atravessar as fronteiras clandestinamente fazendo contrabando de pensamentos, construímos a rede ou aranheira e espalhamos a ideia que nos ajuda a avançarmos para a utopia. Hoje, porém, decidimos mover-nos da proa da embarcaçom que provoca fendas entre os icebergues, para outros pontos que ocupa a tripulaçom, já que as energias que utilizamos para acabar com a era da exploraçom do home polo home e para viver livres sem estar subordinados a nada nem a ninguém, nunca desaparecem, apenas se transformam.

Se a apresentaçom do grupo se levou a cabo com um disco, o final deste ciclo encerra-se da mesma maneira. Versionando 15 canções que conformam parte da Banda Sonora Original das nossas vidas, publicaremos "Salam, agur", despedindo deste jeito a banda que durante sete anos marcou a nossa existência e saudando outros projectos que já tenham surgido ou emergirem no futuro.

Adeus a Negu Gorriak.

lexicografando

Desta vez falaremos do telefone e o léxico a ele associado, hoje, ao tratar-se de algo formal, fortemente espanholizado.

Quando alguém NOS TELEFONA, LIGA A/PARA a nossa casa, ou NOS CONTACTA, o TELEFONE TOCA. Vamos para ele e ATENDEMOS O TELEFONEMA. Dizemos: ESTOU (TOU) ou ESTÁ? (TÁ?), nada de «DIGA!» que é muito imperativo (e algo mal-educado). Depois de falarmos DESLIGAMOS, nem «colgamos» (?), nem «penduramos» nada (castrapadas ao uso). Se nom estamos na casa podemos deixar ligado o ATENDEDOR AUTOMÁTICO que gravará os TELEFONEMAS. Quando quixermos DAR UMHA LIGADA a um amigo desde umha CABINE poderemos fazê-lo quer com dinheiro quer com CARTOM, desses que se vendem nas BANCAS ou QUIOSQUES, ou nas TABACARIAS.

TELEFONE (abreviado TEL.)
ATENDER
CONTACTAR/TELEFONAR/
CHAMAR /LIGAR (a ou para)
DAR UMHA LIGADA
DESLIGAR
ESTOU / ESTÁ?
TOCAR O TELEFONE
ATENDEDOR AUTOMÁTICO
TELEFONEMA

e também...

Calendário 97

Se queres calendários de mão com o lema «Na Galiza 365 dias em Galego» envia-nos o teu endereço num envelope franquiado ou 40 pts. em selos, e mandaremos-che 5 calendários de graça. Assembleia Reintegracionista «Ene agá», Apartado 266, Ponte Vedra.

Zapatistas

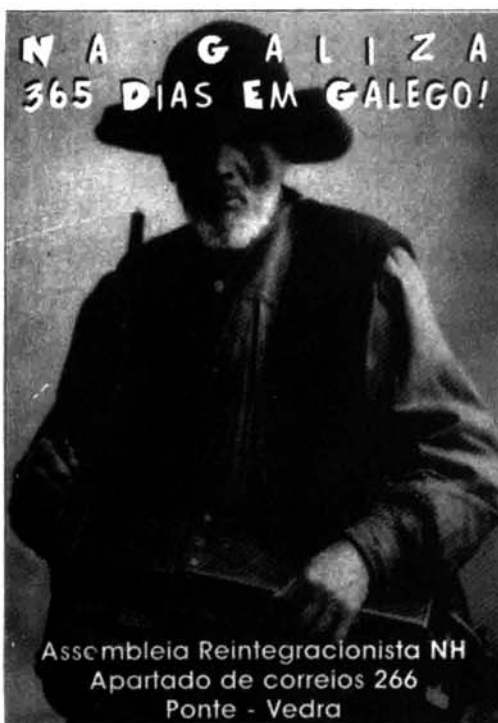
Quem quiger informaçom de primeira mão sobre o Zapatismo, pode fazê-lo com a Internet. Um dos endereços electrónicos por onde som difundidas notícias de primeira mão, sem intermediários é a PeacaNet: http://www.igc.apc.org/igc/pn.html).

Tribuna da Europa

Recebe gratuitamente este boletim do Parlamento Europeu. A sua ediçom é mensal e é enviado polo:

Parlamento Europeu. Gabinete de Informação de Lisboa. Largo Jean Monnet, 1-6º. 1250 Lisboa. Portugal.

MDL

No próximo 21 de Dezembro o Movimento Defesa da Língua (MDL) tem previsto um acto de protesto na Estaçom dos Autocarros de Lugo consistente na reclamaçom para a nom discriminaçom linguística dos galegos e galegas tanto na megafonia como nos placares, horários, etc. A manife terá lugar às 12h00 da manhã na própria rodoviária, com entrega de brochuras aos viageiros, e megafonia com traduçom simultânea.

Madrid

Desde há tempo, algumha gente de Gralha residente em Madrid está colaborando com outras pessoas e grupos galegos para formar um forte colectivo da comunidade galega nessa cidade, que desenvolveria sobretodo, mas nom exclusivamente, actividades culturais: o *Grupo Adiante*, no qual é mui numerosa a presença de reintegracionistas.

Pensando que talvez poda despertar-che interesse a existência deste projecto, e que talvez nele queiras participar, facilitamos-che os dados das pessoas com quem podes contactar a tal efeito ou para solicitar maior informaçom:

André ou J. Manuel:
Apartado 14222 - 28080 Madrid.

Lixo Urbano

Distribuidora alternativa de livros, revistas, música, e outros marteriais. Leva mais de dous anos funcionando e contam com um catálogo de produtos. Começarom a editar material musical próprio. Dende há meses tenhem um local aberto ao público terças e sextas feiras, de 19.00 a 21.00 horas. Rua Rodas nº 11, baixo. Compostela.

Dia dos Enganos

Na Galiza igual que noutros países celebramos o Dia dos Enganos no 1 de Abril e nom no 28 de Dezembro. Popularmente di-se: «O 1 de Abril vam os burros onde nom devem ir»

Livros, música e produtos que contribuem em si próprios a conformar o país que queremos. No Natal, tempo de presentes, temos oportunidade de oferecer objectos com ideologia. Fortalecendo a Gralha e contribuindo para a sua independência e desenvolvimento à margem das pressões oficiais. Aceitamos sugestões e encomendas de material que nom podas conseguir noutro sítio.

TÊXTIL

BANDEIRA
Com estrela cosida. 1 x 0,80 m 1700pts

SWETER
Isto num país livre nom aconteceria.
Com capuz e bolso dianteiro ou com capuz e goma
Gris. L, SG, XL 2200pts

CAMISOLA CASTELÃO
Afortunadamente a nossa língua está viva e floresce em Portugal.
Branca,algodom 100%, XXL 1200pts

CAMISOLA ROSALIA.
Pobre Galiza, nom deves chamar-te nunca espanhola
Branca,algodom 100%, XL, XXL 1200pts

CAMISOLA BÓVEDA.
60 aniversário do seu assassinato
Lámina de Castelao. A derradeira liçom do mestre
Negra, algodom 100% M, L, XL 1500pts

CAMISOLA PORTUGAL.
Escudo português
Grande tamanho e toda cor
Branca, algodom 100% M, L, ... 1000 pts

MENDOS.
Escudo da Galiza de Castelão. 11 cm.
Bandeira galega. 10 cm.
Feltro impresso a cores, os dous 600pts

LIVROS

HISTÓRIA DA GALIZA
Em Banda Desenhada .... 500 pts

MÉTODO PRÁCTICO DE LÍNGUA.
Galego-Português para principiantes
Martinho Monteiro Santalha 1000pts

DA FALA E DA ESCRITA.
O básico sobre reintegracionismo
Ricardo Carvalho Calero 1000pts

DICIONÁRIO SINÓNIMOS
Porto editora. 1125 pág. 5500pts

PRONTUÁRIO ORTOGRÁFICO
Agal. 1985. .... 2100pts

ESTUDO CRÍTICO
das normas do ILG-RAG
Agal. 2ªed. 1989. .... 2100pts

GUIA PRÁTICO DE VERBOS.
Todos os verbos conjugados.
Agal. 1988. .... 1200pts

O SERENO
Um guerrilheiro em Estalinegrado
Moncho de Fidalgo 500pts

SEGUINDO O CAMINHO DO VENTO
Moncho de Fidalgo 700pts

LUZIA OU O CANTO DAS SEREIAS
Moncho de Fidalgo 700pts

CONTOS DA FADA EM DÓ MAIOR
Moncho de Fidalgo 600pts

CONTOS DO OUTONO
Moncho de Fidalgo 600pts

COMPACTOS

JOSÉ AFONSO
O cantor do 25 de Abril segue a ser básico para entender a música galego-portuguesa actual.

CANTIGAS DO MAIO
Grândola, Milho verde, ... 2200pts

ENQUANTO HÁ FORÇA 2200pts

VENHAM MAIS CINCO 2200pts

CORO DOS TRIBUNAIS 2200pts

FURA, FURA 2200pts

TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM 2200pts

CANTARES DO ANDARILHO 2200pts

FADOS DE COIMBRA 2200pts

FAUSTO
O Melhor de Fausto 2200pts

VITORINO
Não há terra que resista 2200pts

DULCE PONTES
A Brisa do Coração, 2cd's 4000pts
Lágrimas 2200pts

XUTOS & PONTAPÉS
Circo de Feras 2200pts
Não 2200pts

GAROTOS PODRES
Rock de Subúrbio, Live 2200pts

RATOS DE PORÃO
Crucificados pelo sistema 2200pts

PESTE & SIDA
O Melhor dos Peste & Sida 2200pts

UM XUTO NA ORELHA
HC/PUNK Brasileiro 2200pts

EUTANÁSIA ACTIVA
A alineaçom do poder.
K7. Ed. Lixo urbano. Galiza 400pts

ESPECIAL NATAL

COZINHA TRADICONAL PORTUGUESA.
Encadernaçom de superluxo. Receitas populares próximas às nossas. As páginas estám ilustradas com fotografias a toda cor. Cozinha passo a passo.
P.V.P. 9.800 pts.

O GRANDE LIVRO DAS PLANTAS DE INTERIOR
Todas as ilustrações que possui som desenhos a mão. Como bom guia é rigoroso para os entendidos e asequível para o grande público . Nele poderá aprender como transplantar ou como cuidar as plantas em cada época do ano.
P.V.P. 7.600 pts.

O LIVRO DO JARDIM
Manual básico para aquela pessoa que goste da jardinagem ou da produçom de espécies vegetais em horta, desde a simples pataca até as podas das árvores fruiteiras. Perfeitamente ilustrado passo a passo, desde a semente até a colheita e conservaçom.
P.V.P. 7.900 pts.

PLANTAS MEDICINAIS
Completo método de medicina fitoterapeutica. Descriçom, e características de todas as espécies descritas e estudadas. Desenhos feitos a mão.
P.V.P. 6.500 pts.

Dicionário Enciclopédico ALFA
2 Volumes. P.V.P. 8.700 pts.

JOSÉ SARAMAGO
História do Cerco de Lisboa ... 2.700 pts.
Memorial do Convento .... 2.700 pts.
Ensaio sobre a Cegueira .... 2.900 pts.

JORGE AMADO
Capitães de areia .... 850 pts.
Farda fardão, camisola de durmir .... 2.200 pts.

TEO *viaja de avião .... 600 pts.*
TEO viaja de barco .... 600 pts.
TEO na feira popular .... 600 pts.
TEO em férias .... 600 pts.
TEO campista .... 600 pts.

ASTERIX
O mau gole .... 1.500 pts.
O combate dos chefes ...... 1.500 pts.
O filho de Asterix .... 1.500 pts.
As 1001 horas de Asterix .... 1.500 pts.
Asterix entre os belgas ..... 1.500 pts.
O escudo de Auverne ...... 1.500 pts.

AGENDAS 1997
Tamanho 10 x 15 cm. capa dura. 1.000 pts
Tamanho 21 x 15 cm. capa dura. 1.200 pts.

INFORMÁTICA
Teclado em Português .... 3.500 pts.

Quantidade	**Material.** Incluir tamanho	Montante
	Portes de correlo +400, por mensageiros +900	+400
Envia-se contra reembolso. Aceita-se cheque a nome de Meendinho, ou selos.	**Soma Total**	

Nome e Apelidos ______________________
Endereço ______________________ Tel ________
Localidade ______________________ Cód. Postal ________

Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza

em rede

Ninguém nos vai fazer calar, ainda que nos falte o dinheiro, ainda que nos desbordem o trabalho e as ideias por fazer. Nós pomos o esforço diário, nós pomos os meios, e a coordenaçom. E tu que pões? Incrementa a luita cultural na tua zona. Combate os brotos de castrapismo. Como? Tu escolhes.

CONTACTOS

Se estás interessado em conhecer gente com a que compartilhar ideias e projectos culturais fai-no-lo saber e poremos-te em contacto com outros interessados da tua zona.

TU SÓ

Fai parte da nossa rede de distribuiçom. Dispomos de material a distribuir que che ofereceremos a preço de custo. Normaliza a tua zona.

PACOTE DE 100 AUTOCOLANTES "NH" + 10 CARTAZES .... 1000pts.
PACOTE 20 AUTOCOLANTES para carro «GZ, Galiza» .... 600pts.

Envia o importe em selos

queres colaborar?

Desejo contribuir economicamente com o Boletim Gralha achegando umha quota anual de:

☐ 3.000 pts ☐ 5.000 pts ☐ ________ pts ☐ mensal ☐ anual

Nome e Apelidos ______________________
Endereço ______________________ Tel. ________
Localidade ______________________ Cód. Postal ________
Banco ou Caixa ______________________
Sucursal ______________________ Localidade ______________________
Nº de Conta ______________________
Data ________

Assinado